



CIRCASSIANOS

Fazem parte estes povos da turbulenta população do Caucaso, que os Russos não conseguiram subjugar nunca, e sobre os quaes exerceram há pouco uma d'aquellas terríveis vindictas, que tem feito o nome de Russo execrando a todos os amigos da humanidade e da civilisação.

A sua historia é um pouco obscura, principalmente nas suas origens. Supõe-se que a Circassia occidental devia fazer parte do antigo reino da Colchida, e, depois, do Bosphoro Cimmeriano. Sobre a parte oriental d'este paiz ainda são mais vagas as conjecturas. Conquistou-o Mithridates, e quando o grande rei teve de curvar o collo á fortuna de Roma e á de Pompeu, entrou a Circassia na vasta lista dos dominios romanos, fazendo parte do imperio do Oriente, quando se bipartiu o colosso. Comtudo os imperadores byzantinos não foram mais felizes do que os czares de S. Petersburgo; o seu dominio n'essas regiões remotas do imperio foi sempre nominal. Quando veio a invasão dos barbaros, coube aos terríveis Hunos subjugarem a Circassia. Succederam-lhes os Khasares, contra os quaes estes povos se sublevaram, com fortuna variada, no seculo onze da nossa era. Depois vieram

os Turcos da Persia e os reis da Georgia, depois Tamerlão, depois os kans da Criméa, depois finalmente os russos, que entraram como aliados, e quizeram ficar como conquistadores. Não lh'o sofreram os Circassianos, sempre turbulentos e indomaveis, e voltaram a sujeitar-se aos Tartaros da Criméa. Mas estes principiaram a commetter execções; eis de novo os Circassianos em revolta, e implorando a protecção da Porta Ottomana, cujo dominio aceitaram, sem comtudo lhe pagarem o mais leve tributo.

Como os leitores hão-de ter notado, os diferentes dominios estrangeiros a que os Circassianos se sujeitaram, nunca foram senão quasi exclusivamente nominaes. Quando os seus senhores queriam reivindicar os seus direitos, os audazes montanhezes refugiavam-se nos seus serros inacessíveis, e d'ahi desafiam impunemente os exercitos, que pretendiam subjugal-os.

Mas ainda aqui não pararam as vicissitudes politicas da Circassia. Em 1739 a Circassia foi proclamada independente, em virtude da paz de Belgrado, assim de servir de baluarte á Russia. Mas os Circassianos, que defendem obstinadamente a sua independencia individual, porem que pouco se importam com a sua autonomia de nação, uniram-se de novo á Criméa, que, rendendo vassalagem

á Turquia, tornou dependentes da Porta Ottomana estas populações que se lhe tinham ligado.

Em 1774 perdeu de todo o sultão, em virtude das conquistas de Catharina da Russia, a sombra d'autoridade que exercia sobre estas províncias montanhezas. Em 1789 passaram elas definitivamente a fazer parte do imperio moscovita.

Começou então uma nova era para a Circassia. Até ahi os povos, que a tinham dominado, só de longe a longe tentavam transformar em realidade essa ficticia suzerania. A Circassia revoltava-se, sacudia o jugo, collocava-se debaixo da protecção d'outro paiz, e acabava tudo. Com a Russia não sucedeu o mesmo; a Russia tentou a sério estabelecer o seu domínio, e a Russia não era paiz que desistisse das suas pretenções perante a insurreição d'um povo pequeno, ainda que atrevido. Os Circassianos entenderam que não deviam alterar por caso algum o seu velho sistema. D'ahi provieram as longas e continuadas guerras, que ainda ha pouco terminaram... se terminaram, e se a medida horrivel, adoptada pelo governo russo, de arrancar populações inteiras á sua terra natal, e populações que têm tão desenvolvido o amor da patria, e de as transplantar para outro solo, para outros climas, obrigando-as a outro genero d'existencia, fez mais do que annular por algum tempo a insurreição, exacerbando com tudo os odios, que, em chegando a occasião propria, se reaccenderão com nova furia.

ESBOÇO DESCRIPTIVO DO MAR

I

É o oceano a imagem grandiosa do mysterio e da solidão. Que espetáculo sublime o contemplar pela primeira vez esses plainos líquidos, cuja superficie ora se ostenta brilhante e reluzente como um espelho cristallino apenas encrespado de leve pelas ondas arquejantes, ora se enturva e rebrama, erguendo montanhas de agua que tumultuam, gemem e luctam e se estorcem em vascas de desespero, e afinal, tritões prostrados, beijam frementes os rochedos da praia!

O mar é o symbolo da immensidade e da força ingente; louco, vertiginoso.

É no mar que a natureza é verdadeiramente terrifica aos olhos do homem.

No oceano é tudo grande, é tudo gigante e respeitável.

Todos os phenomenos marítimos teem uma feição grandiosa e profundamente mystica, e a alma quando vôle por sobre as limpídas solidões oceanicas, como que se dilata no sanctuario da terra.

Quem ha ahi, que não tenha contemplado o pôr do sol no mar, em tarde limpida de estio?

O rei do universo, o astro-lampadario vae descendo para o oriente. As vagas tumultuam e dobram docemente a simbria espumosa para receber no seio o planeta. Dissereis um bando de huris arquejantes, que se alindam e enfeitam para darem guarida ao sultão luminoso. Ei-lo emfim que mergulha. Retingem-se as aguas com os derradei-

ros clarões. Forma-se a auréola na extrema do horizonte. As ondas pulam e bailam e refrangendo a luz nos seus crystaes líquidos, enrubecem-se, corôam-se de pedrarias. A atmosphera parece um rio de fogo, as nuvens, diaphanas qual basejar de archanjo, precipitam-se no mar e seguem o rei do dia. No zenith reina ainda o fulgor igneo e relampejam reflexos brilhantes.

As sombras não surgem ainda no oriente, e mal ousam tufar o seu negro manto.

Não brilham estrellas. Tudo é placidez e socego. Nem um só murmurio. Só a brisa da tarde cicia medrosa na espessura e os passarinhos soltam os ultimos quebros.

Vae mergulhando entanto o astro do dia. É lento o seu caminhar. O globo afogueado deixa um hemispherio com saudades, para illuminar o outro.

E o mar continua no seu tumultuar, e as ondas gemem e soluçam.

Desapparece emfim o astro radiosso; desfaz-se o sulco da luz no firmamento, aparecem as primeiras sombras, as estrellas scintillam a medo, os pyrilampos, essas estrellas das campinas, reluzem nas selvas e sarças, a callada da noite é interrompida pelos mil rumores do estio. Volitam insectos multicores, aninharam-se passaros nos recessos sombrios, affloram reptis nos relvados, graxnam rãs nos paues, cruzam-se immensos ruidos surdos, profundos, vitaes, até que chegue a hora do repouso, que é tardia nas nossas latitudes, durante o verão.

Quem não dirá então como Castilho, que pintou o pôr do sol, quando escreveu após intima e profunda elaboração aquelle cantico que começa:

*Sumiu-se o sol esplendido
nas ondas rumurosas.

Mas quantas vezes, mal o sol se some nos plainos do oceano, não surge a lua radiante e formosa, illuminando a terra com os seus raios pallidos! Muda então o mar de aspecto.

Rebrilham ao longe as vagas endoidadas brincando na orla do horizonte.

Os rochedos, que circumdam a praia projectam sombras phantasticas nas aguas, que se embalam docemente e beijam preguiçosas a areia. A imaginação povoa as solidões de seres fabulosos, e sereias, que descantam, no silencio da noite, toadas mansas e plangentes. Debalde intentam os olhos rasgar as profundezas do abysmo. O espectador fica aterrado, absorto, attonito.

Outras vezes, a estes spectaculos já de si tão grandiosos, succede a ardentia, essa phosphorescencia do mar, esse relampear entre particulais de agua. Este phenomeno, que ainda hoje é revel à sciencia, posto que tenha excitado a attenção de todos os grandes naturalistas, ostenta-se maravilhoso e produz não sei que suavissima impressão em quem o contempla.

Não é fito meu, nem caberia nas estreitezas de um artigo, o fallar, se bem que perfuntoriamente, das mil e uma maravilhas do mar. Para obra de tal magnitude, se por ventura a tanto podesse aba-

lançar-me, carecera de escrever um livro, ou antes um poema, entre os muitos que a natureza encerra nos seios vastíssimos, cada vez mais opulentos, à medida que a ciência vai dilatando os seus domínios.

E que bello e formosissimo livro não seria esse se alguém o escrevesse! Que de tesouros não encerrara! Que magnificencias!

Quando as vagas tumultuam e se contorcem em impetos raivosos, quando erguem o collo e ondeiam e se enroscam, como serpentes líquidas tauxiadas de cores esverdeadas; quando cingem os rochedos e os coraes madrepóricos, resfolegando, gemendo e cuspido espuma na praia; quando no meio d'esse combate, em que a tormenta ronqueja nos ares revoltos, se alevantam mil rumores sinistros de estrago e morte; quando aos gritos da natureza enraivecida respondem os gemidos dos homens, que luctam e disputam a vida em pleito desigual; quando a tromba se balouça por sobre a crista da onda, e qual cetáceo invisível, sorve a agua aos repuxões, arrastando o navio imploravelmente; quando o vulcão estruge a atmosfera e corre, como visão infernal, a superficie dos mares, quando o mareante contempla todos estes phenomenos e escapa incolume a tantos perigos, que sublime epopéa não traz consigo? Da mesma sorte que Camões, esse mareante salvou um poema, bem sentido, bem verdadeiro.

Mas afóra estes, que de espectaculos ainda, cada qual mais grandioso! Na zona temperada do norte o *gulf-stream*, esse rio de mar, esse Mississipi do atlântico, vastíssima corrente de agua tépida, que vai das costas da Inglaterra ao golpho das Antilhas, passando pelas ribas de Portugal.

Mais ao norte o *Maelstrom*, essa corrente fatídica, esse tragadouro medonho, que tem engolido tantas victimas, esse redemoinho, aonde habitam, segundo é pia crença de bandinaria, os inimigos dos homens.

Nas regiões hyperboricas os mares gelados, os amphitheatros e circos de neve eterna endurecida pelos séculos, cinta funebre, que envolve a terra e tolhe a vida nas suas manifestações mais singelas. Um pouco para o sul, em latitude menor, entestando ainda com os corucheus e miranetes de gelo, com as immensas molles de agua solida, perpetuamente fixas e quedas, estanceiam as ilhas fluctuantes, que estalam com ruido, mal assoma o primeiro alvor do dia de seis mezes, e vão mudando de forma e posição correndo aos baldões, arremessando-se e desfazendo-se, para se formarem de novo. É ahi que as geleiras septentrionaes se entumecem e enchem o espaço de sinistros rumores, é ahi que esses rios de neve, moendo e triturando rochedos, desembocam no oceano angustiado, é ahi que o movimento desordenado e medonho começa, precedendo a vida.

Já os ursos do norte vão aparecendo e preiando algum cetáceo, que o frio colheu de subito, no começo da longa noite; affloram lichens por entre os rochedos fendidos; bandos de lobos famintos e esguios abrem as fauces, e uivam na so-

lidão; o esquimau já estende as retes, e nos charcos e paues da Laponia mais septentrional expande-se a vida após tão largo sono.

Na Irlandia ergue-se um vulcão do meio do mar e, da mesma sorte que na Italia, vôam as cinzas para o mar, aonde caem rios de lava.

Deixemos porém o septentrion.

Aguarda-nos o equador. É a vida ahi excessiva e gigante. Nascem as tormentas por encanto, as ondas entumecem-se, os furacões derribam florestas e casarias depois de sulcarem o mar.

Mais além começam as correntes austraes,

O Cabo da Boa-Esperança, o cyclope de Camões, estende os rijos membros, e solta os eternos lamentos, que echoam nos rochedos da montanha da Meza. São medonhas as correntes que passam ao longo do cabo; arrastam navios e deitam-n'os na costa; engolem victimas no abysmo undoso, como que vingando-se da audacia humana, que ousou devassar os segredos da solidão.

Para o oriente, no oceano indicio, que os mareantes chamaram oceano Pacifico, os cyclones e tormentos girantes começam a sua carreira insensata. Nada lhes resiste.

O navio, que acerta de encontrar, por desgraça, um cyclone, um d'esses tufões medonhos, difficilmente escapará ao naufragio.

É ahi que os coraes, esses humildes architectos de mundos, esses artífices phantasmosos, erguem ilhas e archipelagos. Quantas vezes não encontra o mareante uma bacia placida e socegada no meio do oceano em furia? Quantas vezes não topa com um abrigo providencial, se teve a ventura de não se despedaçar contra os gumes afiados dos coraes? É que estes obreiros infatigaveis zombando do oceano, vão erguendo desde o fundo altissimas paredes a pino, duras e compactas, até á superficie! Milhares de annos levam elles em obra tão grandiosa. Mas saiu-lhe perfeita a fabrica, e o seu destino é construir. Venha depois um vulcão que alevante o banco lá do fundo, desfaça e oblitere a intemperie algumas arestas mais vivas; forme-se um pouco de pó, que se deposita em concavos mais abrigados; caiam ahi algumas sementes trazidas pelo vento; nascem lichens e outras plantas rudimentares, e teremos um principio de vida. Depois, esses lichens, secando e apodrecendo, formarão um terreno vegetal, que se combina com os detritos inorganicos; surgirão coqueiros, palmeiras, fetos giganteos e giganteas trepadeiras. A vegetação tropical cobrirá a nova ilha de basta espessura: as chuvas tornar-se-hão regulares, cada anno se formam novos terrenos e a floresta irá ganhando e prosperando. Virão passaros canoros aninharse n'aquellos recessos umbrosos, encontrar-se-hão riquezas e tesouros e afinal a vida só acaba, quando o europeu ou americano, arrastado pela sede do ouro, puzer machado ao tronco das arvores, e desnudar a terra, que só muito tarde poderá refazer-se, sob aquella atmosfera abrazadora, sem chuvas que a desalterem e refresquem.

Com o arvoredo acaba a vida.

E não param aqui as maravilhas do oceano.

Além das correntes, que cingem o globo como demonstrou o celebre capitão Maury, e vão do cabo da Boa-Esperança ao cabo de Horn, atravessando todo o Pacífico; esquecendo as gelidas solidões que se dilatam por detraz do Erebe e Terror até ao polo austral, que nunca foram devassadas por descobridor; não levando em conta todos os phenomenos, que se patenteiam na superficie do mar, outros e certamente mais admiraveis ainda, se verificam no interior do oceano, n'essas moradas explendidas, aonde os gregos puzeram Neptuno com o seu cortejo de deuses marinhas, naiades e nerines, Proteu com o seu rebanho, Amphitrite com as suas nymphas.

A natureza excede a imaginacão. No interior do mar expande-se formidavel e opulento o drama da vida. Ha lá florestas e sarças impenetraveis; ha lá vegetações luxuriantes, algas immensas. Milhares de especies de animaes povoam aquelles recessos crystallinos desde o cetaceo gigante até ao humilde insusorio.

Tambem lá resfolgam vulcões e arrojam lavas candentes; tambem lá se erguem montes, se angustiam gargantas e dilatam valles; tambem lá se travam combates em que o mais fraco é victima do mais forte; tambem lá o rythmo da vida se desentranha em harmonias perennes.

Mas a sciencia ainda não pôde devassar todos esses segredos.

Muito se sabe já; muito porém se ignora ainda, e para sempre talvez. Nos seios do oceano é dificil e muitas vezes impossivel a observação, e sórা necessario um cataclysmo horrendo, em que todos houveramos de perecer, para que o leito do mar ficasse a descoberto.

Do que se sabe irei eu apresentando aqui o que me parecer mais util e curioso. Ordem e metodo não são de grande necessidade, quando a sciencia ignora ainda tanto. Esforçar-me-hei com tudo por ser resumido e breve, sem me tornar obscuro.

Difícil é escrever sciencia para quem deseja aprendel-a sem trabalho.

Nem todos os paladares apelecam estas iguarias, que algumas vezes tem muito travo. É o caso de illudir dificuldades, fugindo-lhes com o corpo por evitar desdencs de leitor indolente.

Certo que os leitores do *Panorama* são pessoas muito assisadas, de bom conselho e amantes da instrucción. Bem o sei, e não me atreveria a negar o que deve de ser piedosa fé. Mas, não é menos evidente que o commun dos paladares prefere prostes e iguarias, ainda que de somenos alimento, contanto que tenham bom preparo.

Ora ahí é que está a dificuldade.

Preparar sciencia popular é condão dos grandes talentos.

Em todo o caso, são tantas e tão magnificas as maravilhas do oceano, os espetaculos do mar são tão grandiosos, que fallam de persi, e estão exigindo attenção e estudo dos mais remissos.

Será pois o oceano o campo das nossas pesquisas. É immensa a ceara. Podemos respirar á von-

tade, que não ha limites nem barreiras para a nossa curiosidade... senão o desconhecido.

A. OSORIO DE VASCONCELLO

CIDADE DE PEKIM

Porta do Norte

As ultimas expedições da Inglaterra e da França rasgaram o veu mysterioso, em que se envolvia tenazmente a China, refractaria á luz da civilisação europea. Devemos confessar que alguma razão tinham os chinezes para isso, porque a luz d'essa civilisação tem-lhes relampagueado apenas dos canos das espingardas, e das espadas dos zuavos do imperador Napoleão III e dos soldados da marinha ingleza. A ultima campanha dos aliados levou-os a Pekim, e os chinezes, asserrados aos seus velhos habitos, viram com horror os barbaros europeus profanarem o sagrado recinto da cidade santa. O palacio do imperador foi saqueado pela soldadesca, e a China vio-se obrigada a fazer as mais extraordinarias concessões aos estrangeiros. Pekim deixou de ser uma cidade quasi-legendaria, apenas visitada por um ou outro viajante, por um ou outro missionario mais audaz. Hoje estão desvelados todos os seus mysterios, e, d'aqui a um seculo, talvez os bigodes dos velhos chinas se erriçarão horrorizados, vendo entrarem as locomotivas sumegantes nas ruas alinhadas da sua velha capital.

Pekim ou antes *Pe-king* está situada á beira do rio You-ho, a distancia de uns cento e cinquenta kilometros da celebre muralha. Este nome de *Pe-king* significa residencia do norte, em contra-posição a *Nan-king*, residencia do sul, onde os imperadores da China habitaram até ao principio do seculo XV. Pekim tem 28 kilometros de circuito. Compõe-se de duas cidades, a meridional e a septentrional. Aquella, denominada a cidade velha, é habitada pelos chins de velha raça, porque, como os leitores de certo sabem, a dynastia reinante é de origem tartara, e subiu ao throno em consequencia d'uma grande invasão d'esses incomodos vizinhos do immenso imperio, vizinhos contra os quaes se construiu a grande muralha, que é, como veem, bastante imponente. A cidade septentrional denomina-se cidade dos Tartaros, é de muito melhor construcção do que a antiga, e ainda se subdivide em tres bairros concentricos, separados uns dos outros por muralhas especiaes. Esta cidade dos Tartaros contém vastissimos jardins, pequenas ruas habitadas na sua maxima parte por empregados da corte, negociantes, e industriaes. Além d'isso alli se ergue o palacio imperial.

O palacio imperial é um immenso quadrado, que tem quatro kilometros de circuito! Rodeiam-n'o muralhas, fossos profundissimos, e tem, dentro do seu recinto, inumeros palacetes e templos, entremeiados de jardins e pateos, de columnatas sumptuosissimas e de maravilhosas galerias. Os aposentos da residencia imperial são vastos e appa-rotosos, e distinguem-se por nomes campanudos.

N'esse recinto immenso tambem se encontra a imprensa imperial, de cujos prelos sâe a *Gazeta do Estado*. Sabem os leitores que a imprensa é conhecida pelos Chinas desde tempos immemoriaes, mas (é este o caracteristico mais notavel das civilisações do Oriente) não deu um passo tal invento, e ainda hoje é applicado na sua rudeza primitiva. Além da imprensa, manifesta-se o gosto

dos monarchas chinezes pela illustração na existencia dentro do seu palacio d'uma rica biblioteca, e d'um vasto museu de historia natural.

Contém a cidade tartara além do palacio do imperador, muitos edificios notaveis, principalmente mosteiros e templos bouddhistas, e algumas mesquitas; mas a cidade chineza tambem não ficou privada de monumentos. É alli que se admira o



famoso templo redondo do ceu, coberto por um teclo que forma tres andares, e ornado interiormente de columnas azues matizadas d'ouro. Existem além d'isso alli muitos outros templos, theatros, stalagens, banhos publicos, e lojas brilhantissimas.

Em geral as ruas de Pekim são escrupulosamente alinhadas e muito largas, porém bastantes vezes cortadas por viellas estreitas. Doze vastos arrabaldes rodeiam as duas partes da cidade. As casas são baixas, e d'um só andar. D'ahi proveio naturalmente o attribuir-se-lhe por estimativa muito maior numero de habitantes do que o que realmente conta. Agora que a China está mais conhecida, e que os Europeus se teem posto ao facto dos documentos officiaes, pôde-se ver n'um recensea-

mento feito em 1853 que a sua população é de 1,148,881 habitantes, inferior por conseguinte à população de Londres e de Paris.

O sistema politico da China é uma vasta e severissima centralisação; por isso a capital tem uma importancia enorme. Alli residem todas as authoridades superiores; é alli o centro da vida social e politica e do movimento industrial e commercial da China. Uma das causas, que mais concorrem para o desenvolvimento do seu commerçio, é o estar ella em communicação com o grande canal.

Possue esta cidade um grande numero de sociedades litterarias, e grande copia de estabelecimentos de instrucção publica, porque a civilisação da China, se bem que destituida de toda a idéa do progresso, se bem que essencialmente con-

servadora, nem por isso deixa de ser muito notável, e em poucos paizes da Europa está tão desenvolvida a instrucción das classes populares como n'esse grande imperio asiatico.

Este vasto paiz, por tanto tempo cerrado aos Europeus, abrio agora, bem que com timidez e repugnancia, as suas portas; os mysterios da sua civilisacão extravagante vão ser revelados, e o pobre Fernão Mendes Pinto, accusado por tantos seculos de mentiroso, vai emium ser rehabilitado. Era tempo. Se a China continua a ser impenetravel, as *Peregrinações* do honrado portuguez iam ocupar um lugar distincto ao lado das *Viagens de Gulliver* phantasiadas pelo malicioso Swift.

PINHEIRO CHAGAS.

OS RELOGIOS

N'esta época, em que apenas se fixa a attenção n'esses doux admiraveis descobrimentos, de cujas forças nos servimos para nos transportarmos de um extremo a outro do globo, com a velocidade do raio, e para nos correspondermos com todos os povos, ainda os das mais longinquas regiões, com a rapidez do pensamento; hoje, que só se attende ás emprezas positivas e que produzem maiores resultados; mais se devem apreciar as invenções antigas, que á força de se haverem generalizado teem deixado de causar-nos admiração. De outro modo não deixariamos de contemplar com religioso entusiasmo os relogios, essas machinas que conteem em si a resolução de um grande problema, e que chegaram a constituir uma das necessidades da vida. Pareceria impossivel que a distribuição exacta do tempo, a regulação fixa e invariavel das horas que formam o dia se podesse fazer por meio de umas rodas que caminham em direcção opposta e cujo andamento se regula com a maior facilidade; e é extremamente sensivel que se não tenha conseguido averiguar quem foram os que prestaram tão importante serviço á humanidade, para os seus nomes serem esculpidos no bronze e até gravados na memoria. Bastantes investigações temos feito acerca d'este assumpto, porém, nada mais temos obtido do que o que consignamos n'esta resenha ou ligeira historia d'este invento.

Desde os primeiros tempos conheceram os homens a precisão que tinham de uma norma fixa e constante que lhes facilitasse o conhecimento do tempo que deviam dedicar ao trabalho, do que bastava para descanso e do que deviam empregar nas outras occupações. Como as artes se achavam então na sua infancia, não podiam a ellas recorrer para lhes proporcionarem o que com tanto anhelo desejavam e, por conseguinte, attentaram no que mais vivamente lhes tinha ferido a imaginação, que eram os astros, e d'aqui provieram os relogios de sol, chamados tambem quadrantes. Duvidou-se por muito tempo de a quem se devia adjudicar a gloria d'esta invenção; Laercio e Suida attribuem-n'a a Anaximandro, que morreu no anno 3457 da creação do mundo e Plinio a Anximenes, discípulo de Anaximan-

dro. Os egypcios e babylonios disputaram a propriedade e outros mais a foram assignalando em diversos tempos. Com tal variedade de opiniões não podemos acertar de uma maneira positiva quando se começaram a usar; no que, porém, não cabe duvida é que anteriormente a 3291 já eram conhecidos, porque vemos na Biblia, livro IV. *Regum*, cap XX, que estando enfermo o rei Ezechias, Isaias, o propheta, fez com que retrocedesse dez linhas a sombra no relogio de Achaz, em signal de que convalesceria.

Algum tempo depois introduziu-se tambem o medir o tempo a pés, do que achamos notícia nos doze livros da *Ré rustica* de Paladio, que viveu no segundo seculo, e que põe a sombra do sol medida a pés em todas as horas do dia. Este modo de contar as horas era summamente gracioso, e hoje, certo, prestar-se-ia a alguns *quidproquos*, pois dizia-se: vou comer tal pé, etc.

Ambos os methodos eram extremamente imperfeitos, porque necessitavam como primeiro agente ou unico mobil a presença do sol; porém quando este desapparecia ficavam envoltos na obscuridade que cobria a terra. Foi preciso procurar outro impulso perenne e constante, e cuja ausencia não se podesse temer com facilidade, e nenhum se achou mais a proposito do que a agua, que encerrada em um vaso com um estreito cano no qual se praticava um pequeno buraco, destillava gota a gota, ate completar o numero das horas. Este genero de relogios foi introduzido em Roma no anno 595 da sua fundação, por Scipião Nasica: e mais adiante, em 613, aperfeiçoou-o Clesibio, construindo uma verdadeira machina hydraulica.

Esta classe denominou-se clepsydra, e d'ella se serviam os gregos e romanos para medir o tempo que deviam durar as causas; para o que distribuiam tres porções: uma para o accusador, outra para o accusado e a terceira para o juiz. Cada clepsydra compunha uma hora, segundo parece pelo que diz Marcial, livro VIII, Epig. VII. Na leitura dos processos e leis não corria a agua, e isto era: *Aquam sustinere*, conforme se lê nos autores d'aquelle época.

Os relogios de areia contam tambem muitos seculos de antiguidade; porém não é facil assignalar nem os seus inventores, nem a época da sua introducção. Estes eram usados com preferencia nos mosteiros, e pela noite estava a cargo dos religiosos o cuidado de observal-os para que não parassem.

Chegámos já á perfeição da arte: vemos o invento em toda a sua latitude prestando-nos o serviço de que necessitavamos, sem que seja preciso auxiliar-o senão ephemera e levemente: tocamos em sim a época dos relogios de roda, cujo auctor por desgraça se ignora. Na opinião de alguns pertencem a tempos remotos, pois asseguram que eram d'esta classe os que tinham Boccio, Gilberto, o papa Paulo II, e o que o califa Arão Baschil deu de presente a Carlos Magno em 807.

Parecia em vista d'isto que se tinha chegado ao complemento e que não se podia dar nem mais um passo; mas estava-nos reservado outro novo

assombro. Walindorf, monge benedictino inglez, que morreu em 1325, vendo que nem todas as classes podiam disfrutar d'este beneficio, porque era muito dispendioso o poder-se aproveitar d'elle, discorreu o generalisal-o e tornal-o publico, e construiu os relogios de torre com sinos. Alguns atribuem esta invenção a Santiago D. Diniz, natural de Padua, celebre astrónomo, medico e mathematico; mas este não fez mais do que aperfeiçoala de um modo admiravel; pois em 1344 collocou em a torre do Palacio d'aquellea cidade um relógio composto de uma multidão de peças e rodas movidas por uma só peça, que marcava todas as horas, e além d'isso o curso do sol e dos planetas. Este prodigo e esta maravilha da arte atraiu a Padua uma concorrência espantosa, porque os sabios de toda a Europa iam admirar aquella obra tão perfeita, o reflexo vivo das revoluções celestes, aquelle propheta automatico, por assim dizer, e contemplavam-n'o com um religioso entusiasmo.

Como era natural, depois d'isto excitou-se a curiosidade dos relojoeiros das de mais nações, e em breve começaram a aparecer relogios de todos os feitos e qualidades.

Depois d'esta época não teem havido variações essenciaes na arte, pois ainda que se tenham construído de maior ou de menor latitudine e de tamanho menor, augmentando ou diminuindo as rodas, pôde considerar-se tudo isto como aperfeiçoamento da primitiva invenção e não eram causa nova, pois sempre se tem operado sobre a base d'aquellea.

Não ha causa que mais quebrante animos e lin-goas serpentinas, que largar-lhes o campo com silencio.

FR. LUIZ DE SOUZA

A GRAVURA EM MADEIRA EM PORTUGAL

III

No rasto luminoso que, em relação á litteratura, deixaram o *Panorama* e a *Illustração*, mais dois ou tres jornaes illustrados pretenderam viver. Morreram, porém, pouco depois de nascerem, no que não fizeram mal, porque eram a negação absoluta da arte, e da grammatica tambem.

É que os momentos que precedem a morte são sempre tristes, e, já se vê, em plena contraposição com as leis da vida. A arte agonisava, e esses jornaes, não podendo servir-lhe de medicos, fizeram-se cargo de simples enfermeiros administrando-lhe a dieta rigorosa, que, segundo a theoria escholar, exigem as doenças graves.

Em presença d'isto, e não havendo, em taes casos, tribunal para onde appellar, passaram, Bordalo Pinheiro a gastar os lapis, que ainda lhe restavam, em as notas provisorias das despezas domesticas, e Coelho a encortiçar os buris, para que não lhes desse a ferrugem. Em seguida cruzaram os braços e deixaram-se dormir. . . para a arte.

Dormiram muito, e dormiram eternamente, talvez, se o sonho, que é o inimigo mais zombeteiro dos desenganos da realidade, não viesse alentar-lhes o espirito desfalecido. Bordalo e Coelho sonharam. . . que estavam desenbando e gravando para um jornal, de que elles proprios eram os editores, e do qual fruiriam prodigiosas consolações para o seu coração d'artistas, bem como para a sua bolsa de homens que não viviam da graça, nem vestiam pela moda de Venus de Canova. No quadro

lisongeiramente colorido da sua phantasia, viam-se elles, à sombra de um grande ramal de loiros, trabalhando sentados sobre uma burra, não das que alimentam ticos, senão das que vivificam usurarios: e tão excessiva foi, por isso a sua commoção, que n'este ponto acordaram.

Para outros, acharem-se nas suas cadeiras de velha e arrombada palhinha, à sombra dos curvos e carunchosos tectos do prosaico lar domestico, seria obra para desesperar: para Bordalo e Coelho, que eram artistas de bom gosto, foi objecto de galhofa. A caricatura, que a vida positiva acabava de fazer a vida da imaginação, tinha realmente graça, e os dois amigos soltaram uma estrondosa gargalhada.

D'esta gargalhada é que nasceu a realização da primeira parte do sonho.

— Não será isto um aviso da providencia? disse Coelho, rindo ainda.

Bordalo respondeu espivitando o charuto, que n'este comenos estava quasi apagado.

— Olha lá! continuou Coelho. Publiquemos um jornal?

— Publiquemos. . . E o dinheiro. . . e o redactor, observou Bordalo Pinheiro, puchando uma grossa fumada.

— O redactor, arranja-se já; agora o dinheiro está na algibeira dos assignantes, e só com o jornal poderemos de la saccal-o.

— Parece-me, exclamou Bordalo, rindo-se como se riam os antigos velhos de cabelleira, que tens por cá andado n'estas coisas, com a cabeça na lua! . . . Mas. . . estou às tuas ordens.

Coelho apertou-lhe a mão, e foi logo procurar o seu amigo Pereira d'Almeida, apreciavel escriptor, já por mais de uma vez feliz na direcção e collaboração litteraria de diversas publicações, e, comunicando-lhe o intento, convidou-o a associar-se na qualidade de redactor principal. Amador, e, o que é raro em amador, entendedor tambem de boas-artes; gosando já na perspectiva de ver o seu nome e o seu esforço vinculados n'um impulso em que via os mais fecundos auspicios para a propaganda e desenvolvimento da gravura em madeira, Pereira d'Almeida dispôz-se, com toda a abnegação do apostolado, a sacrificar o interesse á gloria, e aceitou o convite.

Passados poucos dias, sahia á luz o primeiro numero de um novo jornal illustrado, com o titulo modestissimo de *Revista Popular*.

IV

Este jornal não parecia haver nascido de um longo interregno artistico. Tão desenvolvida e animada se apresentava agora a gravura em madeira, que ninguem diria ser o remedio o ocio, a somnolencia e a inercia.

Posto que, vestindo ainda de franja; não tendo perdido o amor ao insipido e monotonous systema do parallelismo, o traço, até então desengraçadamente irregular e terminando, umas vezes, á maneira de cabellos hirtos, outras, como pelo crestado, em forma de virgula, ou de ponto de interrogação, era, ao menos, mais nitido no traço, mais uniforme no capricho das ondulações, mais graduado nas cambiantes do claro-escuro. O desenho geral tinha uma certa correção, e as composições accusavam esforço de gosto e iniciativa.

Pela primeira vez aparecia entre nós um romance original illustrado. Essa coroa deixou-a o destino cair, pelo lapis de Bordalo Pinheiro, sobre as paginas viçosas dos primeiros numeros da *Revista Popular*. Os dois artistas tinham efectivamente dado um passo gigante no progresso da gravura em madeira, e por tal passo mostravam que poderiam dar todos quantos precisos fossem para chegarem ao nível das illustrações estrangeiras d'aquellea época, se o paiz os houvesse ajudado em tão comprido e ingreme caminho.

Como, porém, a fortuna, por ser cega, não pôde ler, continuava a fugir de jornaes, e os desejados assignantes, que só atraç d'ella correm, fugiam, por consequencia, tambem. Apesar de não envergoñhar, não tinha a pobre *Revista* quem lhe desse o braço, senão os amadores; mas esta gente admiravel, que anda em cata de tudo sem

largar o fardo immenso dos seus idólos, sempre assaz suficiente para sustentar um viveiro de canários, não chega nunca para cobrir as despezas superiores ao custo de dois ovos e um pão de ló. Para completar tamanho desfavor, o povo não aceitava a invocação do título.

Era caso para desesperar. Preso por ter cão; preso por não ter cão.

Que fazer? Nenhum dos emprezarios tinha coragem bastante para propor a applicação da pena de morte à inocente *Revista*. E, comtudo, não parecia haver outro expediente. As semanas succediam-se, a bolsa estava vacia, e da burra do sonho, nem sequer o casco se tinha podido comprar. O problema exigia prompta resolução. Suspender a publicação; equivalia a declaral-a morta. Os jornaes, suspensos são, quasi, como os reis destronados. Raras vezes voltam. No meio d'estas terríveis oscilações, lembraram-se de passar o infeliz semanario para as mãos de um homem monetario. Mas os homens monetarios do nosso paiz não amam senão o toucinho e seus correlativos. Letra redonda, compram-n'a só para embrulhar. Portanto, uma tal idéa era, talvez, a peor de todas.

— Não te dizia? exclamava, de vez em quando, Bordonio Pinheiro para o seu collega, com ares de triumpho e um certo sorriso, de que, já de ha muito, Coelho gostava pouco. Não te dizia que tinhas trabalhado com a cabeça na lua?

— E agora? perguntava Coelho, encolhendo os homens, e tomando uma grande pitada.

— Agora?... Choremos, como bons paes, visto parecer-me que já morreu.

— Não morreu ainda, disse, apparecendo inesperadamente, Pereira d'Almeida, com a accentuação inalteravel da sua habitual tranquillidade.

E assim era. Pereira d'Almeida trazia a receita infallivel para a cura radical da enferma. Acabava de negociar a propriedade da *Revista* com Fradesso da Silveira, que, desde muito, pensava na publicação de um jornal ilustrado com gravuras em madeira.

NOGUEIRA DA SILVA.

(Continua)

O que se dá pedido e rogado já custa tanto como comprado.

FR. LUIZ DE SOUZA.

BEATRIZ

XV

Jacques sabia tudo; a sua amante
Soffria o vil castigo, a pena infame
Que a cegueira dos homens lhe impozera.
Chorou, coitado! — o pobre amesquinhou-se,
Quiz morrer de pesar, porém não poude.
Ella expirava só, — ella, tão moça,
Tão linda, que rasgava os seios d'alma
Vê-la penar assim; nem uma lagrima
Podera derramar, nem um gemido
Desprendera sequer; pasmada e louca,
Incerto o olhar, as faces maceradas,
Erma com a sua dor, sem voz, sem força,
Luctando peito a peito com o gigante
Da amargura cruel, sentia apenas
Vacillar-lhe a rasão naquelle embate.
E fugio-lhe,.... ai de mim!... deixai que o pranto
Corra em meus olhos tristes, que um momento
Orvalhe as rosas murchas desse afecto,
Que acerba magoa me lacere o peito
Costumado a bater convulso e forte
De amor, de ceo, de luz, de aroma e vida,
Deixai, deixai,... que em breve eu torno aos cantos!...

Poucos mezes depois partiu o conde.
Para onde foi, não sei; dizem, comtudo,
(E eu creio), que, sem mais, puzera termo
A crua dor que lhe pungia a vida.
Jacques tinha perdido, a pouco e pouco,

Aquella vaga sombra de tristeza
Que lhe toldava o rosto; começava
A metter pé no mundo como d'antes,
E mais de uma aventura escandalosa
Ia correndo, então de boca, em boca.
Se era ou não era fel que as linguas torpes
Deitavam sobre elle, não affirmo
Porque não quero errar; mas sei, mas juro
Que alguns mezes depois d'estas noticias
Terem lavrado já, quando a saudade
Inda devia ardente compungir-lhe
Inteiro o coração, feliz e amado,
Elle contava as horas da existencia,
Ebrio de amor, no seio d'outra pomba! —

XVI.

Eia, gosemos! pela florea taça
Beba-se o nectar d'eternal prazer;
A densa nuvem que troveja e passa
Nem uma sombra nos vem dar sequer.

Gosemos sempre! da ventura breve
Ceifem-se as rosas que despontam já;
Que tem, que importa se um montão de neve
Rosaes inteiros sepultando está?...

Que tem que as faces da mulher perdida
Vão desinhando na amargura atroz?...
Somos convivas no festim da vida:
Ergamos todos n'un só canto a voz!

Voa minha alma, pelo espaço em fora,
Tu és o aroma que respira a flor;
Deixa este mundo que se prostra e chora —
Voa minha alma, procurando amor!

Não falta um dia em que infernal desgraça
Azede o nectar que nos dá prazer:
O goso e sumo que se esvae, e passa
Quando mais ebrios nos parece ver.

Gosemos tudo! que o prazer resplenda
Em quanto a aurora mil lampejos tem;
Basta que um dia sobre nós se estenda
A sombra eterna que divaga além!

E. A. VIDAL.

As causas excessivamente intensas produzem efeitos contrarios. A dor faz gritar, mas se he excessiva faz emmudecer; a luz faz ver, mas se he excessiva cega; a alegria alenta e vivifica, mas se he excessiva mala.

P. ANTONIO VIEIRA.

O engano tem dentes alvos e mordedura venenosa. Como serpente, contenta pera magoar, e alegra pera intristecer.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Tam indecente he sair da boca de um homem de alto lugar e nobre creaçao uma palavra rustica e mal composta, como de uma bainha de ouro ou rico esmalte arrancar uma espada ferrugenta.

DUARTE NUNES DE LEÃO.

Se andassemos sobre aviso ligeiramente entenderíamos tudo, ou parte do que nos está para vir.

B. RIBEIRO.

A boa fama é a melhor herança que ha no mundo.

B. RIBEIRO.